

Contas regionais

Desempenho da economia gaúcha em 2005

Maria Conceição Schettert

Economista da FEE.

Artigo recebido em 13 jan. 2006.

O presente texto refere-se ao desempenho da economia do Rio Grande do Sul sob o enfoque da contabilidade social. Nesse sentido, aqui são publicados os valores e as taxas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) e o crescimento setorial das atividades que compõem esse agregado, contemplando estimativas preliminares para 2005 e revisões para os dois últimos anos anteriores. E, no **Anexo**, são arrolados os últimos cinco anos do conjunto de informações aqui consideradas.¹

O PIB do RS, o quarto² do País, caiu, em termos reais, em 2005 (-4,8%), atingindo a cifra de R\$ 152,7 bilhões. O PIB *per capita*, por sua vez, também caiu em termos reais (-5,8%), alcançando a cifra de R\$ 14,1 mil (Tabelas 1 e 2). Esse foi o terceiro maior desempenho negativo registrado no Estado³ e foi bem inferior ao do País, considerando-se o crescimento do PIB brasileiro acumulado no ano até setembro (2,6%), conforme a divulgação das estimativas trimestrais do IBGE, ou, ainda, de acordo com as projeções de crescimento anual (2,3%) do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

(IPEA). Com essa *performance* inferior à do País, a economia sulina perdeu participação no PIB do Brasil, descendo do patamar de 8,5% para 7,8%.

O mau desempenho da economia gaúcha em 2005 tem dois fatores importantes como explicação mais abrangente: a severa estiagem ocorrida e a taxa cambial sobrevalorizada. Tanto o câmbio como a seca, especialmente esta última, há muitos anos, têm sido os principais responsáveis pelas oscilações bruscas da taxa do PIB. No ano de 2005, ocorreu a pior estiagem dos últimos 40 anos, e, como agravante, esse foi o segundo ano consecutivo de seca, pois, em 2004, também ocorreu uma severa estiagem.

A economia gaúcha é mais vulnerável aos efeitos dos dois fatores referidos acima do que a economia nacional como um todo. Primeiro, porque os efeitos climáticos são menos diluídos para a economia regional; segundo, porque o setor agropecuário é mais relevante na estrutura produtiva da economia sulina do que na brasileira; terceiro, porque a **agroindústria** também tem peso relativamente maior na economia do Estado⁴; e, por último, porque as exportações, que são diretamente influenciadas pela variação cambial, têm, na economia estadual, uma importância também mais elevada. A demanda externa é um decisivo estímulo para a economia gaúcha, que tem um coeficiente de abertura (exportações como proporção do PIB) superior ao brasileiro. Focando os anos a partir de 2000, a **abertura** da economia gaúcha é, em média, quase quatro pontos percentuais superior à brasileira.⁵

¹ As estatísticas foram elaboradas sob a responsabilidade do Núcleo de Contabilidade Social da FEE, compreendido pelo seguintes integrantes: Adalberto Maia Neto (Supervisor), Carlos Gouveia, Eliana da Silva, Juarez Meneghetti (Coordenador), Maria Conceição Schettert e Sérgio Fischer.

² A saber, o *ranking* dos principais estados, conforme sua participação no PIB brasileiro, em 2003, último ano disponível para o conjunto, é o seguinte: SP (31,8%), RJ (12,2%), MG (9,3%), RS (8,2%), PR (6,4%), BA (4,7%) e SC (4,0%), tendo como referência **Contas Regionais do Brasil 2003**, publicada pelo IBGE em 2005 (IBGE, 2005). Destaca-se que as estatísticas publicadas pelo Instituto referentes aos estados, incluindo o RS, são elaboradas pelas próprias instituições oficiais estaduais e derivam de metodologias homogêneas, portanto, comparáveis, e têm essa semelhança metodológica assegurada por convênio firmado entre essas instituições e o IBGE, este último como coordenador geral, além de responsável pelas estatísticas oficiais brasileiras.

³ A FEE tem registro do PIB da economia gaúcha desde 1948.

⁴ O peso da agroindústria no PIB do Estado foi estimado em 30%, conforme Porsse (2003). No Brasil, o peso da mesma foi estimado em 20%, conforme estudo com metodologia semelhante àquela desenvolvida na FEE, realizado pela Associação Brasileira de Agribusiness (Abag).

⁵ Em 2005, essa diferença diminuiu em razão da desaceleração das exportações gaúchas, estimando-se em 17% o coeficiente do RS e em 15% o do Brasil, este último com informações até o terceiro trimestre do ano.

Considerando-se uma série de anos a partir da vigência do Plano Real, examina-se a ocorrência dos dois fenômenos referidos acima, associados ou não, influenciando o dinamismo da economia estadual. Conforme pode ser observado no Gráfico 1, tem-se o paralelo entre a evolução das taxas de crescimento do Brasil e do RS, caracterizadas por acentuadas oscilações, notadamente nas da economia estadual. Enfocando a questão cambial, subdivide-se o período em duas partes, fixando-se o eixo de partição no ano de 1999. Em janeiro daquele ano, ocorreu a flexibilização do câmbio após a grave crise financeira mundial que ensejou a *débâcle* das bolsas de valores (a crise asiática). Foi uma ruptura importante, pois estava quebrada uma das principais regras do Plano Real, a paridade fixa do câmbio. Então, no primeiro período, compreendido entre 1994 e 1998, as exportações estavam desestimuladas pela artificialidade do câmbio fixo e pelo real valorizado sobre o dólar. Nesses anos, o crescimento da economia gaúcha foi inferior ao verificado no País, com exceção de 1997, o que é bem refletido pelas taxas médias, no RS, 1,2%; no Brasil, 3,2%. Além do câmbio sobrevalorizado nesse período, a economia do Estado enfrentou duas estiagens (em 1994 e em 1996).

No segundo período enfocado, de 1999 até 2005, com o câmbio flutuante e desvalorizado, o comportamento das taxas inverteu-se. Em geral, o crescimento foi maior no Estado do que no País; as exceções foram justamente nos anos em que ocorreram estiagens (2002, 2004 e 2005). Se for desconsiderado o ano de 2005, em que houve variação negativa (-4,9), a taxa média do período 1999-04 foi superior, no RS (3,3%), à brasileira (2,3%). Incluindo o desempenho negativo de 2005, a taxa média do período 1999-05 no RS (2,1%) é apenas um pouco inferior à do País (2,3%). A economia do Estado, nestes dois últimos anos de seca persistente, defrontou-se também com uma valorização do real frente ao dólar a partir de meados de 2004. As implicações disso ficaram bem evidenciadas pelo comportamento das taxas nesses anos e no período como um todo.

Entre as explicações para a valorização cambial recente está a substancial entrada de divisas, propiciada pelos juros elevados, o que influenciou o baixo nível do Risco-País, a despeito da gravíssima crise política deflagrada pelos escândalos de corrupção no Congresso Nacional. Também concorreram para a apreciação do câmbio os saldos comerciais elevadíssimos gerados no País, a partir de 2003, como resultado da própria política econômica de esforço exportador. O saldo da balança comercial brasileira, até novembro de 2005, alcançou a cifra de US\$ 40,4 bilhões, sendo o valor acumulado das

exportações de US\$ 107,4 bilhões, representando um crescimento de 23,1%, e de 12,4% em volume exportado. No RS, o terceiro estado exportador no País (8,80%), houve um previsível arrefecimento. O resultado exportado no ano até novembro foi de US\$ 9,5 bilhões,⁶ o que representou um acréscimo sobre o ano anterior de 5,0% e uma queda em volume de 6,4%, muito inferior, portanto, ao crescimento das exportações brasileiras no mesmo período. O cenário esboçado acima reflete a maior suscetibilidade da economia estadual às vicissitudes cambiais. Concorreu também para esse arrefecimento das exportações gaúchas a própria redução da oferta agrícola causada pela estiagem, ou seja, o desempenho das exportações do Estado refletiu o desestímulo pela apreciação do câmbio e um choque de demanda em razão da seca.

Examinando-se o desempenho da economia pelo tradicional corte setorial — agropecuária, indústria e serviços (Tabela 3) —, observa-se que a agropecuária foi o destaque negativo, que, com sua queda (-15,2%), associada a seu peso relativo na composição estrutural (15,93%), foi a maior contribuição negativa para a taxa global da economia estadual (-4,8%). A indústria foi a segunda contribuição negativa, com uma participação de 44,95% e um desempenho também negativo (-4,8%), o que contrastou com o ano anterior, quando foi o grande destaque, tendo então registrado um crescimento de 6,4%. Entre as atividades que compõem a indústria, chamam atenção a indústria de transformação (-4,5%), por ser o carro-chefe do setor, e a indústria da construção civil, pela grave queda verificada (-9,8%), agravando a tendência de queda delineada a partir de 2002. O setor serviços, o segundo em participação na estrutura produtiva (39,12%), também apresentou um desempenho negativo (-0,5%), salientando-se os segmentos comércio (-2,5%), pela sua importância na composição estrutural, e transportes e armazenagem (-11,0%), pela queda acentuada, a qual está em consonância com a perda da economia como um todo.

A estiagem atingiu profundamente as culturas da lavoura pelo segundo ano consecutivo, levando a decréscimos generalizados nas produções e nas produtividades (Tabelas 4 e 5). Esse segmento, o mais relevante do setor agropecuário — respondendo por, aproximadamente, 62% do valor da produção —, é concentrado em poucas e grandes culturas de verão, a saber, soja (-55,9%), arroz (-3,7%), fumo (-10,9%),

⁶ Maiores detalhes sobre as exportações no RS e no Brasil podem ser buscados no *site* da FEE, em Estatísticas FEE/Exportações.

mandioca (-8,8%), milho (-56,0%) e o trigo (-20,1%), outra grande cultura, mas de inverno. Ainda chama atenção que o arroz, que tem cultivo irrigado no Estado, e o trigo, que não foram atingidos pela estiagem, acusaram queda de produção em razão da diminuição de área colhida. É importante ressaltar que a soja, expoente da pauta exportadora, também foi destaque negativo nas vendas externas, registrando queda de volume físico exportado (-79,8%) e de preço (-14,9%).

A produção animal, a segunda atividade no valor de produção do setor agropecuário (34%), apresentou um desempenho positivo (1,2%), mas modesto, para contrabalançar a grande frustração de safra (Tabela 6). Essa atividade caracteriza-se por uma trajetória contínua e crescente em anos recentes, com ligeiro arrefecimento nos dois últimos anos. Destacam-se os ganhos de posições relativas das criações de aves e suínos, *vis à vis* à perda de posição do tradicional rebanho bovino. Essas três criações de corte imprimem o ritmo da pecuária.

A produção industrial tem seu desempenho praticamente determinado pela indústria de transformação, aproximadamente 86% do setor, a qual tem grande parte de seu dinamismo atrelado ao mercado nacional e ao externo e é estruturalmente vinculada ao setor agrícola. Assim, como uma "saída" para o desaquecimento do mercado interno, tanto o regional quanto o brasileiro, as atividades industriais mais relevantes do parque gaúcho apresentaram modesto crescimento ou não foram mais negativas porque registraram aumentos em suas vendas externas, ainda que bem mais arrefecidos em relação às vendas dos dois anos precedentes. Para citar alguns casos (Tabela 7), o segmento máquinas e equipamentos, atividade que, há anos, ocupa lugar de destaque na estrutura produtiva industrial, acusou a maior queda (-19,2%), atenuada, entretanto, pelo aumento de suas exportações em valor (19,4%) e em volume (4,2%); o segmento da indústria alimentar apresentou um pequeno aumento (2,8%), corroborado pelo crescimento de suas exportações em valor (9,2%) e em volume (4,3%); a indústria química teve sua queda (-5,2%) amortecida pelas vendas externas em valor (40,0%) e em volume (14,8%); a indústria automotiva (incluindo reboque e carrocerias) acusou queda na produção (-1,9%) e também no volume exportado (-1,2%), mas, como obteve ganho em preços, registrou crescimento no valor exportado (14,8%); a indústria de fumo, um dos expoentes da pauta exportadora, apresentou decréscimo em sua produção (-4,2%) e em seu volume exportado (-6,0%), mas houve crescimento em sua exportação em valor (12,1%); e a

indústria mobiliária, que vem ganhando posição na estrutura produtiva interna e no *ranking* das exportações, acusou queda na produção (-11,1%), não contrabalançada pelas exportações em valor (0,5%) e nem em volume (-11,0%). Por fim, o segmento coureiro-calçadista, um dos mais importantes da estrutura industrial e, também, da pauta exportadora, que há muito vem sofrendo a concorrência dos produtos asiáticos, acusou queda na produção (-3,2%) e no volume exportado (-8,8%), só tendo registrado um modesto crescimento em valor exportado (2,4%) em razão de ganho de preços.

O setor serviços (referido na Tabela 3) tem vínculos mais dependentes do mercado interno e é composto por atividades que têm um caráter complementar aos demais setores, à exceção do sistema financeiro e da administração pública, com dinâmicas mais próprias. Assim, a *performance* negativa dos serviços (-0,5%) reflete bem essas características. A crise do mercado doméstico, traduzida em desemprego, em juros altos e em baixas taxas de investimento, tem, no comércio (-2,5%), seu indicador mais direto.

A possibilidade de um surto de aquecimento para o novo ano em curso, em função de 2006 ser um ano eleitoral, com os possíveis investimentos a serem realizados pelo Governo em infra-estrutura básica, recentemente anunciados na imprensa, poderá criar expectativas favoráveis. Nesse cenário macroeconômico nacional, as economias regionais processam sua dinâmica. No RS, há indicativos de que, se não houver seca, a safra agrícola concorrerá para uma taxa resultante elevada, pois, além de recuperar os patamares produtivos, terá a base comparativa deprimida de 2005. Já os indicadores industriais deste último ano são continuamente decrescentes⁷, tendo, entretanto, como atenuante, também uma referência comparativa deprimida. Assim, para a economia gaúcha, ainda que seja prematuro antecipar considerações, há possibilidades de crescimento positivo em 2006.

⁷ Os índices de produção física para a indústria de transformação do RS (**Pesquisa Industrial Mensal**), em todos os meses de 2005 até novembro (último mês disponibilizado), considerando a variação em 12 meses, são continuamente decrescentes.

Tabela 1

Produto Interno Bruto, total e *per capita*, e suas taxas de crescimento no BR e no RS — 1994/05

ANOS	RIO GRANDE DO SUL (1)				BRASIL			
	PIB		Taxas de Crescimento (%)		PIB		Taxas de Crescimento (%)	
	Total (R\$ milhões)	<i>Per capita</i> (R\$)	Total	<i>Per capita</i>	Total (R\$ milhões)	<i>Per capita</i> (R\$)	Total (2)	<i>Per capita</i>
1994	31 129	3 297,79	5,2	4,1	349 205	2 232,32	5,9	4,2
1995	53 653	5 623,58	-5,0	-6,0	646 192	4 067,30	4,2	2,6
1996	63 263	6 564,10	0,5	-0,5	778 887	4 828,11	2,7	1,1
1997	69 221	7 006,34	6,1	3,5	870 743	5 316,55	3,3	1,7
1998	70 542	7 062,83	-0,5	-1,6	914 188	5 498,81	0,1	-1,4
1999	75 450	7 440,68	3,0	1,4	973 846	5 770,82	0,8	-0,7
2000	85 138	8 301,52	4,4	3,2	1 101 255	6 429,56	4,4	2,8
2001	94 084	9 071,21	3,1	1,9	1 198 736	6 896,35	1,3	-0,2
2002	104 451	9 958,06	1,1	-0,1	1 346 028	7 630,93	1,9	0,4
2003	128 040	12 070,53	4,8	3,6	1 556 182	8 694,47	0,5	-0,9
2004	150 121	13 995,44	3,0	1,8	1 766 620	9 728,83	4,9	3,4
2005	152 714	14 081,39	-4,8	-5,8	-	-	2,6	-

FONTE: IBGE/Coordenação de Contas Nacionais.
FEE/Núcleo de Contabilidade Social.

(1) Estimativas preliminares para 2004 e 2005. (2) Para 2005, a taxa é acumulada até o terceiro trimestre.

Tabela 2

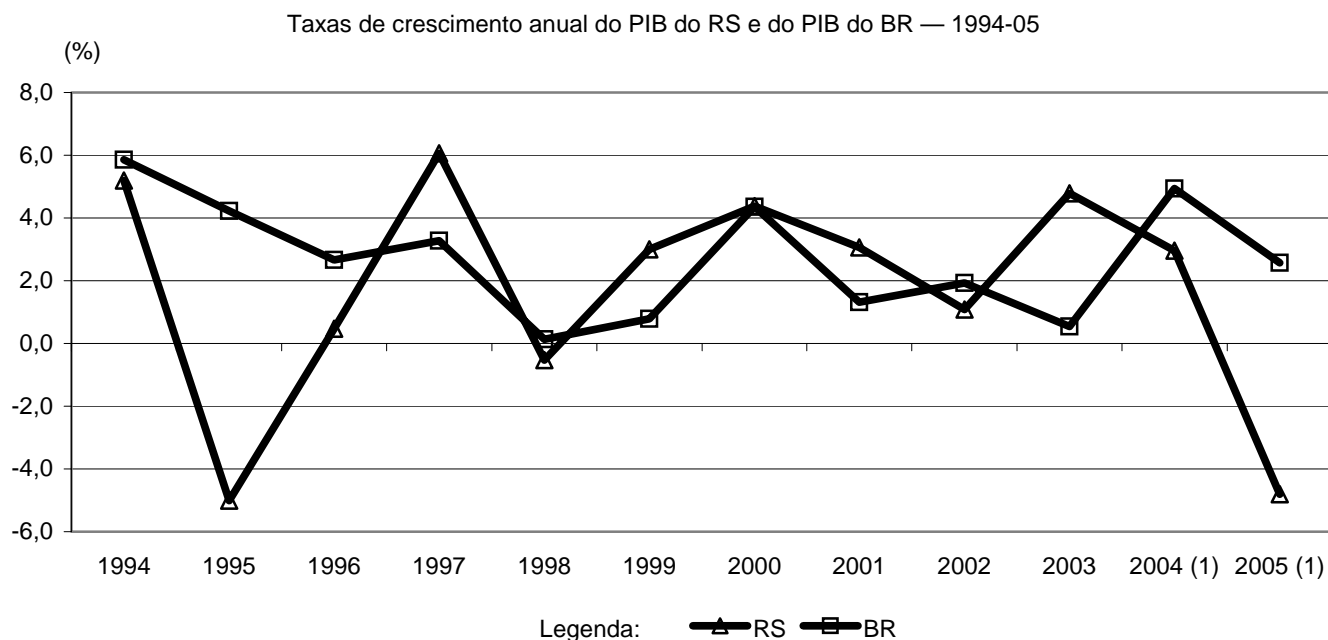
Participação percentual do Produto Interno Bruto
do RS no do BR — 1995-05

ANOS	PARTICIPAÇÃO
1995	8,30
1996	8,12
1997	7,95
1998	7,72
1999	7,75
2000	7,73
2001	7,85
2002	7,76
2003	8,23
2004 (1)	8,50
2005 (1)	7,80

FONTE: IBGE/Coordenação de Contas Nacionais.
FEE/Núcleo de Contabilidade Social.

(1) Estimativas preliminares.

Gráfico 1



FORNTE: IBGE/Coordenação de Contas Nacionais.
FEE/Núcleo de Contabilidade Social.
(1) Dados preliminares.

Tabela 3

Estrutura e taxas de crescimento do VAB, por setores de atividade, do Rio Grande do Sul — 2005

(%)

SETORES DE ATIVIDADE	ESTRUTURA (1)	TAXAS DE CRESCIMENTO
Agropecuária	15,93	-15,2
Indústria	44,95	-4,8
Indústria de transformação e extrativa mineral	38,68	-4,5
Eletricidade, gás e água	1,80	1,1
Construção civil	4,47	-9,8
Serviços	39,12	-0,5
Comércio	8,88	-2,5
Transportes e armazenagem	1,51	-11,0
Administração pública	10,58	1,1
Demais serviços	18,15	0,3
VAB (2)	100,00	-4,8

FORNTE: FEE/Núcleo de Contabilidade Social.

NOTA: Estimativas preliminares.

(1) Refere-se a 2004. (2) Para o ano corrente, considera-se a taxa do PIB igual à do VAB.

Tabela 4

Produção e variação anual da lavoura e de seus principais produtos no RS — 2003-05

PRINCIPAIS PRODUTOS	PRODUÇÃO (t)			VARIÇÃO PERCENTUAL	
	2003	2004	2005 (1)	2004	2005 (1)
Lavoura	-	-	-	-3,6	-21,2
Milho	5 426 124	3 376 862	1 485 028	-37,8	-56,0
Soja	9 579 297	5 541 714	2 446 600	-42,1	-55,9
Feijão	137 865	133 709	74 974	-3,0	-43,9
Trigo	2 395 557	2 061 410	1 648 057	-13,9	-20,1
Maçã	329 461	353 140	296 775	7,2	-16,0
Cebola	123 325	158 094	136 146	28,2	-13,9
Cana-de-açúcar	1 136 114	1 025 756	886 055	-9,7	-13,6
Uva	489 015	696 599	611 907	42,4	-12,2
Fumo	322 078	482 968	430 354	50,0	-10,9
Laranja	354 700	356 398	323 246	0,5	-9,3
Mandioca	1 315 223	1 234 546	1 125 367	-6,1	-8,8
Batata-inglesa	313 157	294 912	284 043	-5,8	-3,7
Arroz	4 697 151	6 338 139	6 106 514	34,9	-3,7
Banana	114 685	95 340	108 057	-16,9	13,3

FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE.

(1) Estimativas preliminares.

Tabela 5

Área colhida e produtividade dos principais produtos da lavoura do RS — 2004-05

PRODUTOS	2004		2005 (1)		TAXA DE CRESCIMENTO (%)	
	Área Colhida (ha)	Produtividade (t/ha)	Área Colhida (ha)	Produtividade (t/ha)	Área Colhida	Produtividade
Arroz	1 044 124	6,07	1 006 051	6,07	-3,6	0,0
Banana	10 381	9,18	10 504	10,29	1,2	12,0
Batata-inglesa	25 959	11,36	23 604	12,03	-9,1	5,9
Cana-de-açúcar	31 933	32,12	32 839	26,98	2,8	-16,0
Cebola	11 252	14,05	10 581	12,87	-6,0	-8,4
Feijão	136 456	0,98	108 582	0,69	-20,4	-29,5
Fumo	228 946	2,11	241 730	1,78	5,6	-15,6
Laranja	27 197	13,10	27 006	1,97	-0,7	-8,7
Maçã	13 447	26,26	14 959	19,84	11,2	-24,5
Mandioca	88 053	14,02	88 818	12,67	0,9	-9,6
Milho	1 199 523	2,82	965 586	1,54	-19,5	-45,4
Soja	3 968 530	1,40	3 733 822	0,66	-5,9	-53,1
Trigo	1 124 800	1,83	845 911	1,95	-24,8	6,3
Uva	40 351	17,26	42 449	14,42	5,2	-16,5

FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE.

(1) Estimativas preliminares.

Tabela 6

Estrutura e taxas de crescimento da produção animal e de seus principais produtos no Rio Grande do Sul — 2005

(%)

PRINCIPAIS PRODUTOS	ESTRUTURA (1)	TAXAS
Produção animal	100,00	1,2
Mel	0,78	4,1
Leite	13,08	3,7
Aves.....	20,54	2,8
Bovinos	27,60	1,4
Suíños	29,38	-0,2
Ovos	3,77	-0,3
Lã	2,25	-3,9
Ovinos	2,60	-4,7

FONTE: FEE/Núcleo de Contabilidade Social.

NOTA: Estimativas preliminares.

(1) Refere-se a 2004.

Tabela 7

Taxas de crescimento da produção física, por gêneros, da indústria de transformação do Rio Grande do Sul — 2003/05

(%)

GÊNEROS	2003	2004	2005 (1)
Máquinas e equipamentos	11,2	16,8	-19,2
Mobiliário	-9,6	12,1	-11,1
Borracha e plástico	-4,0	13,3	-7,3
Produtos químicos	14,4	-0,6	-5,2
Metalurgia básica	1,3	14,6	-4,6
Fumo	-5,7	26,8	-4,2
Calçados e artigos de couro	-4,4	0,7	-3,2
Bebidas	-4,9	7,0	-2,5
Veículos automotores	5,8	21,8	-1,9
Produtos de metal — exclusive máquinas e equipamentos	5,3	8,7	-0,5
Celulose, papel e produtos de papel	12,6	1,6	-0,1
Edição, impressão e reprodução de gravações	-14,8	5,5	2,7
Alimentos	-9,0	-0,3	2,8
Refino de petróleo e álcool	-3,6	-6,2	3,0

FONTE: PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL: produção física. Rio de Janeiro, IBGE. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>
Acesso em: jan. 2006.

(1) Taxa acumulada até outubro.

Anexo

Tabela 1

Composição do Produto Interno Bruto a preço de mercado corrente do RS — 1985-05

ANOS	UNIDADE MONETÁRIA	VALOR ADICIONADO BRUTO A PREÇO BÁSICO CORRENTE	SERVIÇO DE INTERMEDIÇÃO FINANCEIRA INDIRETAMENTE MEDIDO (-)	IMPOSTOS SOBRE PRODUTOS, LÍQUIDOS DE SUBSÍDIOS (+)	PRODUTO INTERNO BRUTO A PREÇO DE MERCADO CORRENTE
1985	Cr\$ bilhão	99 055	7 195	10 363	102 222
1986	Cz\$ milhão	258 912	10 869	29 092	277 135
1987	Cz\$ milhão	861 819	69 616	78 207	870 410
1988	Cz\$ milhão	6 751 182	534 504	553 539	6 770 216
1989	NCz\$ milhão	107 774	11 299	6 919	103 395
1990	Cr\$ milhão	2 475 218	166 641	274 672	2 583 249
1991	Cr\$ milhão	12 307 260	774 125	1 301 003	12 834 137
1992	Cr\$ milhão	150 979 761	13 452 397	13 626 277	151 153 642
1993	CR\$ milhão	3 537 659	345 686	275 249	3 467 223
1994	R\$ milhão	30 190	1 849	2 788	31 129
1995	R\$ milhão	50 803	2 140	4 990	53 653
1996	R\$ milhão	59 786	2 010	5 487	63 263
1997	R\$ milhão	65 323	1 983	5 882	69 221
1998	R\$ milhão	67 133	2 467	5 876	70 542
1999	R\$ milhão	71 341	2 485	6 595	75 450
2000	R\$ milhão	79 767	2 325	7 695	85 138
2001	R\$ milhão	88 025	2 930	8 990	94 084
2002	R\$ milhão	99 878	5 186	9 759	104 451
2003	R\$ milhão	121 001	4 430	11 469	128 040
2004 (1)	R\$ milhão	141 868	-	-	150 121
2005 (1)	R\$ milhão	144 319	-	-	152 714

FONTE: FEE/Núcleo de Contabilidade Social.

IBGE/Coordenação de Contas Nacionais.

(1) Estimativas preliminares.

Tabela 2

Valor Adicionado Bruto a preço básico corrente, por setores de atividade, do RS — 2000-04

(R\$ milhão)

SETORES	2000	2001	2002	2003	2004 (1)
Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	9 532	12 739	14 780	22 609	22 601
Indústria	32 683	35 201	39 634	48 798	63 771
Indústria extrativa mineral	90	88	100	135	187
Indústria de transformação	26 288	28 578	32 571	40 882	54 685
Eletricidade, gás e água	1 538	1 759	1 978	2 188	2 551
Construção civil	4 767	4 776	4 985	5 593	6 348
Serviços	37 552	40 085	45 464	49 593	55 496
Comércio, reparação de veículos e de objetos pessoais e de uso doméstico	7 561	8 311	8 942	11 086	12 604
Alojamento e alimentação	1 018	1 013	1 064	1 210	1 367
Transportes e armazenagem	1 281	1 427	1 619	1 930	2 137
Comunicações	1 337	1 763	2 009	1 972	2 185
Intermediação financeira	3 131	3 677	6 222	5 652	6 669
Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas	9 477	9 744	10 120	10 261	11 125
Administração pública, defesa e seguridade social	10 594	10 759	11 975	13 506	15 010
Saúde e educação mercantis	1 888	1 924	1 953	2 193	2 379
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	896	1 032	1 075	1 237	1 432
Serviços domésticos	368	434	485	547	587
Valor Adicionado Bruto a preço básico corrente	79 767	88 025	99 878	121 001	141 868

FONTE: FEE/Núcleo de Contabilidade Social.

IBGE/Coordenação de Contas Nacionais.

(1) Estimativas preliminares.

Tabela 3

Estrutura do Valor Adicionado Bruto a preço básico corrente, por setores de atividade, do RS — 2000-04

(%)

SETORES	2000	2001	2002	2003	2004 (1)
Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	11,95	14,47	14,80	18,69	15,93
Indústria	40,97	39,99	39,68	40,33	44,95
Indústria extrativa mineral	0,11	0,10	0,10	0,11	0,13
Indústria de transformação	32,96	32,47	32,61	33,79	38,55
Eletricidade, gás e água	1,93	2,00	1,98	1,81	1,80
Construção civil	5,98	5,43	4,99	4,62	4,47
Serviços	47,08	45,54	45,52	40,99	39,12
Comércio, reparação de veículos e de objetos pessoais e de uso doméstico	9,48	9,44	8,95	9,16	8,88
Alojamento e alimentação	1,28	1,15	1,07	1,00	0,96
Transportes e armazenagem	1,61	1,62	1,62	1,60	1,51
Comunicações	1,68	2,00	2,01	1,63	1,54
Intermediação financeira	3,93	4,18	6,23	4,67	4,70
Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas	11,88	11,07	10,13	8,48	7,84
Administração pública, defesa e seguridade social	13,28	12,22	11,99	11,16	10,58
Saúde e educação mercantis	2,37	2,19	1,96	1,81	1,68
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	1,12	1,17	1,08	1,02	1,01
Serviços domésticos	0,46	0,49	0,49	0,45	0,41
TOTAL	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: FEE/Núcleo de Contabilidade Social.

IBGE/Coordenação de Contas Nacionais.

(1) Estimativas preliminares.

Tabela 4

Índice de volume do Valor Adicionado Bruto, por setores de atividade, do RS — 2000-04

SETORES	2000	2001	2002	2003	2004 (1)
Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	115,37	129,62	126,50	153,14	148,20
Indústria	104,73	106,34	109,31	111,76	118,92
Indústria extrativa mineral	173,16	148,94	152,35	183,27	197,28
Indústria de transformação	99,43	101,44	105,12	107,72	115,79
Eletricidade, gás e água	133,07	131,61	134,28	135,83	139,64
Construção civil	134,33	134,35	131,73	132,87	132,57
Serviços	110,83	113,01	114,13	115,49	118,24
Comércio, reparação de veículos e de objetos pessoais e de uso doméstico	100,93	101,67	101,32	101,62	105,03
Alojamento e alimentação	113,98	114,52	115,60	120,16	130,33
Transportes e armazenagem	124,13	131,01	128,88	127,86	132,64
Comunicações	246,42	285,38	302,48	316,03	338,33
Intermediação financeira	110,57	113,74	115,50	120,39	124,08
Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas	117,17	118,72	119,45	120,19	121,21
Administração pública, defesa e seguridade social	106,64	107,71	108,92	110,15	111,39
Saúde e educação mercantis	107,77	108,86	110,09	111,33	112,54
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	110,25	115,55	123,24	114,65	121,60
Serviços domésticos	102,44	105,33	106,53	104,20	101,38
VAB	108,31	111,60	112,96	118,10	121,59
PIB	108,25	111,56	112,76	118,16	121,65

FONTE: FEE/Núcleo de Contabilidade Social.
IBGE/Coordenação de Contas Nacionais.

NOTA: 1. Os dados têm como base 1994 = 100.

2. A partir de 2000, os índices do VAB e do PIB são diferentes, em razão de que os impostos passaram a ter deflatores específicos.

(1) Estimativas preliminares.

Tabela 5

Taxas de crescimento do Valor Adicionado Bruto, por setores de atividade, do RS — 2000-04

(%)

SETORES	2000	2001	2002	2003	2004 (1)
Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	0,2	12,4	-2,4	21,1	-3,2
Indústria	8,0	1,5	2,8	2,2	6,4
Indústria extrativa mineral	9,7	-14,0	2,3	20,3	7,6
Indústria de transformação	8,9	2,0	3,6	2,5	7,5
Eletricidade, gás e água	4,8	-1,1	2,0	1,1	2,8
Construção civil	3,5	0,0	-1,9	0,9	-0,2
Serviços	2,9	2,0	1,0	1,2	2,4
Comércio, reparação de veículos e de objetos pessoais e de uso doméstico	2,5	0,7	-0,3	0,3	3,4
Alojamento e alimentação	4,0	0,5	0,9	3,9	8,5
Transportes e armazenagem	2,0	5,5	-1,6	-0,8	3,7
Comunicações	19,5	15,8	6,0	4,5	7,1
Intermediação financeira	4,7	2,9	1,5	4,2	3,1
Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas	2,8	1,3	0,6	0,6	0,8
Administração pública, defesa e seguridade social	1,0	1,0	1,1	1,1	1,1
Saúde e educação mercantis	1,0	1,0	1,1	1,1	1,1
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	2,2	4,8	6,7	-7,0	6,1
Serviços domésticos	1,0	2,8	1,1	-2,2	-2,7
VAB	4,4	3,0	1,2	4,6	3,0
PIB	4,4	3,1	1,1	4,8	3,0

FONTE: FEE/Núcleo de Contabilidade Social.

IBGE/Coordenação de Contas Nacionais.

(1) Estimativas preliminares.

Tabela 6

Deflator implícito do Valor Adicionado Bruto a preço básico, por setores de atividade, do RS — 2000-04

SETORES	2000	2001	2002	2003	2004 (1)
Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	190,46	226,57	269,35	340,36	351,58
Total da indústria	232,60	246,71	270,25	325,42	399,69
Indústria extrativa mineral	230,21	262,78	292,41	327,65	422,13
Indústria de transformação	231,55	246,71	271,35	332,37	413,59
Eletricidade, gás e água	235,62	272,39	300,27	328,31	372,34
Construção civil	238,91	239,33	254,73	283,38	322,35
Total dos serviços	272,47	285,25	320,35	345,32	377,43
Comércio, reparação de veículos e de objetos pessoais e de uso doméstico	262,67	286,66	309,48	382,56	420,78
Alojamento e alimentação	268,76	266,16	276,89	303,07	315,69
Transportes e armazenagem	173,38	182,95	211,02	253,53	270,62
Comunicações	254,44	289,79	311,47	292,71	302,95
Intermediação financeira	138,07	157,61	262,65	228,89	262,07
Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas	441,92	448,45	462,88	466,41	501,48
Administração pública, defesa e seguridade social	282,09	283,63	312,14	348,12	382,61
Saúde e educação mercantis	251,17	253,40	254,30	282,33	302,99
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	363,18	399,08	389,61	481,89	526,18
Serviços domésticos	305,23	350,17	387,51	446,71	492,02
VAB	243,94	261,27	292,88	339,38	386,49
PIB	252,66	270,93	297,57	348,10	396,42

FONTE: FEE/Núcleo de Contabilidade Social.
IBGE/Coordenação de Contas Nacionais.

NOTA: Os dados têm como base 1994 = 100.

(1) Estimativas preliminares.

Tabela 7

Produto Interno Bruto e deflator implícito do RS — 1985-05

ANOS	UNIDADES MONETÁRIAS	VALORES CORRENTES	ÍNDICE (1)	VARIAÇÃO ANUAL (%)	DEFLATOR (1)	VARIAÇÃO ANUAL (%)
1985	Cr\$ bilhão	102 222	77,98	-	1,5E-07	-
1986	Cz\$ milhão	277 135	81,69	4,7	4,0E-07	158,8
1987	Cz\$ milhão	870 410	85,01	4,1	1,2E-06	201,8
1988	Cz\$ milhão	6 770 216	83,96	-1,2	9,4E-06	687,6
1989	NCz\$ milhão	103 395	86,77	3,4	1,4E-04	1 377,6
1990	Cr\$ milhão	2 583 249	81,02	-6,6	3,7E-03	2 576,0
1991	Cr\$ milhão	12 834 137	79,24	-2,2	1,9E-02	408,0
1992	Cr\$ milhão	151 153 642	85,81	8,3	2,1E-01	987,5
1993	CR\$ milhão	3 467 223	95,06	10,8	4,3E+00	1 970,6
1994	R\$ milhão	31 129	100,00	5,2	100,00	2 247,1
1995	R\$ milhão	53 653	94,99	-5,0	181,44	81,4
1996	R\$ milhão	63 263	95,44	0,5	212,94	17,4
1997	R\$ milhão	69 221	101,22	6,1	219,68	3,2
1998	R\$ milhão	70 542	100,69	-0,5	225,06	2,5
1999	R\$ milhão	75 450	103,71	3,0	233,72	3,8
2000	R\$ milhão	85 138	108,25	4,4	252,66	8,1
2001	R\$ milhão	94 084	111,56	3,1	270,93	7,2
2002	R\$ milhão	104 451	112,76	1,1	297,57	9,8
2003	R\$ milhão	128 040	118,16	4,8	348,10	17,0
2004 (2)	R\$ milhão	150 121	121,65	3,0	396,42	13,9
2005 (2)	R\$ milhão	152 714	115,81	-4,8	423,61	6,9

FONTE: FEE/Núcleo de Contabilidade Social.

IBGE/Coordenação de Contas Nacionais.

(1) Base: 1994 = 1000. (2) Estimativas preliminares.

Tabela 8

Produto Interno Bruto *per capita* do RS — 1985-05

ANOS	UNIDADES MONETÁRIAS	VALORES CORRENTES	ÍNDICE (1)	VARIAÇÃO ANUAL (%)
1985	Cr\$	12 198 784	87,85	-
1986	Cz\$	32 567	90,61	3,1
1987	Cz\$	100 745	92,88	2,5
1988	Cz\$	772 191	90,39	-2,7
1989	NCz\$	11 627	92,11	1,9
1990	Cr\$	286 474	84,81	-7,9
1991	Cr\$	1 404 377	81,84	-3,5
1992	Cr\$	16 360 746	87,68	7,1
1993	CR\$	371 266	96,09	9,6
1994	R\$	3 298	100,00	4,1
1995	R\$	5 624	93,98	-6,0
1996	R\$	6 564	93,47	-0,5
1997	R\$	7 006	96,71	3,5
1998	R\$	7 063	95,16	-1,6
1999	R\$	7 441	96,54	1,4
2000	R\$	8 302	99,63	3,2
2001	R\$	9 071	101,53	1,9
2002	R\$	9 958	101,48	-0,1
2003	R\$	12 071	105,15	3,6
2004 (2)	R\$	13 995	107,06	1,8
2005 (2)	R\$	14 081	100,80	-5,8

FONTE: FEE/Núcleo de Contabilidade Social.

IBGE/Coordenação de Contas Nacionais.

(1) Base: 1994 = 100. (2) Estimativas preliminares.

Referências

IBGE. **Contas regionais do Brasil 2003**. Rio de Janeiro, 2005.

PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL: produção regional. Rio de Janeiro, IBGE. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br> Acesso em jan. 2006.

PORSSE, Alexandre Alves. **Notas metodológicas sobre o dimensionamento do PIB do agronegócio do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: FEE, 2003. (Documentos FEE, n. 55).